

CONCEPÇÃO HISTÓRICA EM VOLTAIRE

HISTORICAL CONCEPTION IN VOLTAIRE

Lucas Pires Ribeiro

Universidade Estadual de Goiás

Especialista em História do Imaginário e Literatura

103

RESUMO: François Marie Arouet conhecido pelo pseudônimo de Voltaire, uma das figuras mais ilustres da história. Considerado por muitos estudiosos como a principal figura do século XVIII. Atuou em diversas áreas do conhecimento humano, adquirindo destaque na poesia, dramaturgia, filosofia e história. Suas concepções históricas quanto filosóficas são repletas de elogios e críticas ao mesmo tempo. Pensador que fazia da ironia uma forma única de oposição ao absolutismo autoritário e ao clero religioso. Filósofo que conseguiu com suas ideias abalar a estrutura do antigo regime europeu. Opondo-se ao fanatismo, aos dogmas, ao autoritarismo, visava à possibilidade de propiciar um mundo mais justo, quando os seres humanos seriam livres, quando a valorização humana iria fazer-se presente, diante do fanatismo religioso. Historiador inovador com relação às abordagens históricas, lutando contra as lendas, as fábulas, defendia a veracidade dos fatos históricos, procurava estender sua história aos homens comuns, não ficando apegado somente a história das grandes batalhas dos grandes heróis.

PALAVRAS-CHAVE: Absolutismo, Crítica, Príncipe, Razão, Religião.

ABSTRACT: François Marie Arouet, better known by the pen name Voltaire, was one of the most famous historical people. He was considered as the well-known personality of XVIII century. He acted in many knowledge areas, highlighting in poetry, play-writing, philosophy and history. His philosophical and historical thoughts are very full of praise and criticism in the same breath. He was a thinker who made irony in a unique way of opposing to authoritarian absolutism and religious clergy. He was the philosopher who harmed the structure of ancient european government through his ideas. By opposing to the fanaticism, dogmas, authoritarianism, he intended to propitiate a more just world in which people were free, and there was social valorization towards religious fanaticism. As a pioneer of historical approaches, he fought against folktales, tales and defended the veracity of historical facts, searching to extend his history to ordinary men and not only stick to the history of great heroes' big battle.

KEYWORDS: Absolutism, Criticism, Prince, Reason, Religion.

François-Marie Arouet, conhecido pelo pseudônimo de Voltaire, nasceu em 21 de novembro de 1694 em Châtenay na França. Descendente da pequena nobreza europeia, desde jovem se destacou como brilhante pensador nos salões parisienses, considerado por muitos estudiosos, destacando Isaiah Berlin, Lefebvre, como a principal figura do século XVIII. Voltaire teve uma educação bastante tradicional, órfão de mãe aos sete anos, foi criado pelo irmão e pelo pai. Ambos eram bastante religiosos, desta forma a educação que recebeu quando criança era pautada nos dogmas cristãos.

Voltaire encontrava-se em um contexto no qual o predomínio social era destinado à aristocracia de uma forma em geral; sobre este aspecto Lopes afirma: “[...] na qual o privilégio de sangue marca o espaço hierárquico [...]”. (2001, p. 17). Quando lutar contra o poder aristocrático seria algo no mínimo insano. A vida do filósofo foi pautada por grandes desavenças com as autoridades francesas da época; desde muito novo, o jovem já demonstrará uma crítica ao sistema tradicional francês, crítica ao absolutismo e ao autoritarismo francês, à estagnação e à intolerância religiosa existente na França. “[...] Ele havia sido cidadão quando a autoridade só reconhecia súditos [...]” (NOGARET apud LOPES, 2001, p.18).

O próprio Voltaire afirma que na França era preciso ser prego ou martelo e o mesmo se considerava prego. “Voltaire, certa vez, chamou a si mesmo de “grande demolidor””. (NASCIMENTO, 1993, p 08). Desta forma percebe-se que através dos seus pensamentos, ele não agradava a aristocracia francesa do século XVIII, uma aristocracia como já foi mencionado eminentemente conservadora, que procurava de todas as formas juntamente com a Igreja Católica manter o seu status social. O patriarca de Ferney¹ era um “prego”, porém letrado e com suas sátiras conseguia “atrair” pessoas que não o suportavam, inimigos poderosos. Dentre estas pessoas contrárias ao pensamento político de Voltaire destaca-se o rei Luís XV, sobre este aspecto Lopes afirma: “[...] Voltaire havia caído em desgraça diante de Luís XV [...]” (2001, p. 19). O fato de ter incomodado as autoridades locais francesas fez com que ele se transformasse em uma figura de desafio para estas autoridades. “[...] a maioria de suas obras foi condenada pela censura real e algumas delas queimadas em praça pública. [...]” (NASCIMENTO, 1993, p. 05).

¹ Termo este que era atribuído a Voltaire, por residir alguns anos no Castelo de Ferney.

Voltaire possuía um estilo aguçado de criticar trabalhando com temáticas como; política, religião, filosofia, poesia, dramaturgia, história. Sobre esta questão Rodrigues afirma:

Toda a obra de Voltaire foi compreendida como uma oposição ao trono e ao altar, na medida em que a religião fornecia as representações que fundamentavam os governos dos soberanos. Por constantemente denunciar essa aliança em seus livros, ele é considerado um homem perigoso e, ao mesmo tempo, muito temido. (2011, p. 33).

Devido a estas temáticas abordadas, Voltaire foi punido com alguns anos de exílio na Inglaterra, de 1725 a 1729, país que ele demonstrava ter profunda admiração. Além de exílio, e punição na Bastilha, estes acontecimentos serviram, de fato, para aguçar a capacidade intelectual do jovem que foi cada vez mais se desenvolvendo, devido à liberdade de expressão que o mesmo encontrou na Inglaterra. “De seus exílios, ele inundava não só a França, mas toda a Europa com peças de teatro, poemas, obras filosóficas, panfletos. Guerreiro cuja espada era a pena e o papel [...]” (NASCIMENTO, 1993, p. 06). O fato de Voltaire ter sido exilado na Inglaterra constituiu-se como um fator muito importante para o amadurecimento intelectual do mesmo. Neste país ele teve a oportunidade de entrar em contato com as obras de diversos intelectuais ingleses. Dentre estes estavam Jonathan Swif autor de *Viagens de Gulliver*, o poeta Alexander Pope, o filósofo George Berkeley, o teólogo liberal Samuel Clarke e o físico Isaac Newton. “Seu exílio na Inglaterra transformou o homem de letras em filósofo. [...]” (LOPES, 2001, p. 20). Outro fator marcante no exílio de Voltaire na Inglaterra foi seu encantamento com o modelo de governabilidade inglês, quando o governo era fundamentado na monarquia constitucional e também na tolerância religiosa. Sobre esta questão da liberdade religiosa encontrada por ele na Inglaterra, Rodrigues afirma: “[...] Do seu ponto de vista, na Inglaterra só é feliz porque cada um vai para o céu pelo caminho que bem entender [...]” (2011, p. 28).

Com suas sátiras, o jovem filósofo questionava bastante o modelo de governabilidade do Rei Luís XV, ele era adepto ao modelo de governabilidade inglês; devido ao fato de que na Inglaterra o poder do soberano era limitado pela Constituição e também pelo parlamento. A tolerância encontrada na Inglaterra possibilitou Voltaire a desenvolver suas

críticas sobre Luís XV, já que são famosos os casos de desavenças entre o príncipe das luzes² e este rei. A esperança do jovem era fazer com que a França se espelhasse na Inglaterra tanto na questão da governabilidade quanto na questão da tolerância religiosa. Na sua concepção a Inglaterra seria como um país que predominava a razão ao contrário da França, que na visão de Voltaire seria o lugar do fanatismo, da escuridão, quando os dogmas se encontravam predominante. [...] “Que pobre país era a França, afogada em seus abusos, em suas superstições, em suas misérias, em comparação com a Inglaterra ativa, onde os homens têm caráter e ousam pensar” [...] (POMEAU apud LOPES, 2001, p. 21).

O século XVIII, através dos seus historiadores procurava se distanciar cada vez mais dos temas eclesiásticos em seus trabalhos históricos, com o próprio Voltaire isto não se constitui de forma diferente, com temas relacionados à monarquia política destacando principalmente *O Século de Luís XIV*, obra esta que Voltaire procurava demonstrar toda a capacidade governativa de Luís XIV. Na visão do príncipe das luzes esta obra iria fornecer subsídios para os governantes do século XVIII se espelhar nas atitudes do Rei-Sol³.

Sobre a questão das divergências entre Voltaire e Luís XV, Lopes afirma: “A historiografia contemporânea sempre desconfiou que Voltaire teria elevado demais a figura de Luís XIV com o propósito de rebaixar a de Luís XV, o que parece verossímil. [...]” (2001, p. 29). Algo que deve ser analisado é de que a preferência inquestionável de Voltaire a Luís XIV com relação à pessoa de Luís XV se dá pelo fato de que ele acreditava que na época de Luís XIV a sociedade francesa encontrava se mais adequadamente em um processo de civilização, quando teria havido espaço para a liberdade cultural, o governo de uma forma em geral teria sido tolerante, algo que não foi encontrado por Voltaire no governo de Luís XV. Este é um dos motivos que o leva à História, parece que ele queria a todo o momento demonstrar as façanhas de Luís XIV, procurando ridicularizar as atitudes de Luís XV.

Voltaire esperava que Luís XV governasse a França de uma forma que a mesma se tornasse referência para as outras nações, porém ele se decepcionou bastante com a forma autoritária do governo deste rei. Assim ele volta seus olhos à História a fim de “encontrar” um político que tem o caráter de seu desejado príncipe virtuoso, e este político semelhante à ideia de Voltaire acerca da forma de governar seria Luís XIV, quando este rei governou na época

² Como ficou conhecido Voltaire nos séculos posteriores ao século XVIII.

³ Termo designado para retratar Luís XIV.

que ele ainda era jovem, quando o príncipe das luzes cresceu ouvindo as façanhas do rei-sol. Sobre a preferência de Voltaire ao governo de Luís XIV Lopes afirma:

No próprio Voltaire, descobrimos seu grande interesse pessoal. Em *O século de Luís XIV*, ele confessa os móveis de sua opção pelo tema, o brilho e a magnificência do rei: O esplendor de seu governo sobre suas menores ações. Estava-se mais ávido de saber das particularidades de sua corte, sobretudo na França que das revoluções de alguns Estados. [...] (2001, p. 37).

Voltaire procurava através de suas obras influenciar intelectuais por toda parte da Europa, porém seu trabalho não se resumiria somente na intenção de atrair este tipo de pessoas, ele buscava outro tipo de mentalidade, diante desta afirmação o leitor poderá se perguntar; qual seria este outro tipo de mentalidade almejado por Voltaire? A de reis espalhados pelos países europeus. O contexto político da época encontrava-se enraizado na monarquia, e fundamentado nos ensinamentos religiosos. O príncipe virtuoso direcionado pelo racionalismo filosófico no pensamento de Voltaire deveria se sobressair no regime político europeu. “[...] É indispensável, pois que o governante seja sábio para que possa governar segundo as leis naturais e promover a felicidade dos súditos ou cidadãos. [...]” (NASCIMENTO, 1993, p. 41). Diante desta afirmação da autora o leitor poderá se perguntar; mas quais seriam as características, as ações deste príncipe? “[...] sabedoria, prudência, justiça, equidade, coragem, bravura, temperança, moderação, honradez, magnanimidade, clemência, glória, modéstia, magnificência, boa administração, pacificação do reino. [...]” (LOPES, 2001, p. 12). Daí a intenção de suas ideias a de difundi-las no cerne da sociedade europeia a fim de conduzir as pessoas ao progresso, a tão sonhada luz da razão, que forneceria subsídios para a liberdade econômica, política, social, e religiosa. Quando estes anseios da população seriam conduzidos por um príncipe virtuoso direcionado por ideais filosóficos. Voltaire vislumbrava a possibilidade de o príncipe governar sem a presença de dogmas cristãos influenciando suas ideias.

Voltaire Historiador

Sobre a questão relacionada à ligação de Voltaire com a história, não percebemos um tempo único do filósofo destinado somente à história propriamente dita. Ele exercia outras funções além da história como; a poesia, filosofia, literatura, dramaturgia. Com relação a esta

questão Lopes (2001) afirma: “[...] De fato, não há um tempo do Voltaire-historiador, haja vista que suas obras históricas foram produzidas esparsamente, com diferença de muitos anos de umas para outras. [...]” (2001, p. 32). Fato este, que não minimiza a importância histórica de Voltaire, importância esta percebida pelo sucesso editoriais de suas obras históricas principalmente *O século de Luís XIV*, que teve oito edições em menos de dez meses.

Se devidamente não existe um tempo de Voltaire historiador, qual seria o seu interesse na questão histórica? Para alguns estudiosos como Pierre Lepape, Voltaire visava uma glória literária, já que na dramaturgia seu nome estava consolidado.

Este é um dos pontos marcantes de Voltaire, ou seja, uma busca incansável por um reconhecimento intelectual, fato que fez com que o mesmo se destinasse a trabalhar com temáticas de cunho diferentes. Acerca da busca do reconhecimento intelectual visado por Voltaire, La Harpe afirma: “Não lhe bastava ser o herói do século, ele desejava ser a novidade do dia”. (apud LOPES, 2001, p. 23)

Sobre esta questão P. Hazard afirma:

O século XVII acabara no desrespeito, o século XVIII começou na ironia (...) cuja razão de ser consistia em vingar o bom senso através da zombaria (...) o mais ilustre representante da espécie é Voltaire, tão maravilhosamente inteligente que, quando não compreende, é porque não quer compreender. (apud LOPES, 2001, p. 65)

O sarcasmo utilizado por Voltaire para refletir alguns aspectos históricos, que aos seus olhos seriam absurdos com relação ao passado, torna o seu trabalho único e ao mesmo tempo inimitável. Aspectos estes como a mitologia, algo que no seu pensamento não poderia fazer parte do contexto histórico, já que sua visão de história se fundamentava na veracidade dos fatos, e esta veracidade só poderia ser alcançada se houvesse uma dissociação entre história e mitologia.

Quando nos remetemos a falar da concepção de Voltaire acerca da História relativo ao passado, temos que ter consciência do seu pensamento acerca da História:

[...] Voltaire considera que os homens precisam ter alguma tintura da história antiga, mas os aconselha a começar sua instrução pelo estudo da história no tempo que ela se torna verdadeiramente interessante para os franceses de seu tempo, ou seja, por volta do fim do século XV, porque aí estão as fundações de sua época. [...] (LOPES, 2001, p. 87).

Apesar de Voltaire relatar que a história se torna interessante a partir dos fins do século XV, não podemos afirmar que ele e os outros Iluministas não tinham preocupação com a origem da humanidade, Voltaire não percebia a possibilidade de retratar com clareza os tempos antigos pelo fato de que a história destes períodos na sua concepção estava atrelada a estudos de historiadores que em poucas ocasiões mereciam a confiança plena do leitor. Ele chega a esta conclusão pelo fato de que na sua forma de análise os historiadores que trabalham com os tempos antigos utilizavam fatos vagos para retratar a história, quando a maioria destes fatos seria misturada com mitos e em pouquíssimas ocasiões estes estudiosos trabalhavam com certa relevância para veracidade dentre estas histórias antigas.

Esta forma de abordagem histórica de Voltaire fez com que suas obras fossem em alguns casos chamadas de anacrônicas, por projetar uma visão do presente no passado. Sobre esta questão de anacronismos na obra de Voltaire, Isaiah Berlin afirma: “[...] História anacrônica quase toda essa história produzida no século XVIII [...]” (apud LOPES, 2001, p. 69).

As críticas com relação ao pensamento de Voltaire acerca da sua concepção sobre as origens dos povos são muitas, neste caso destacaremos Cassirer, “o pensamento das Luzes tinha dificuldades em entender o que estava distante e lhe era estranho”. (apud LOPES, 2001, p. 95). Mais uma vez a visão que se tem do Iluminismo acerca do passado, se pauta na crítica relacionada ao anacronismo, de fato, este anacronismo atribuído aos pensadores do século XVIII, se constitui como um dos grandes problemas, ou melhor, como um fator das grandes críticas dos estudiosos acerca dos pensadores da Ilustração.

A figura do historiador pouco a pouco foi obtendo destaque na Europa do século XVIII, principalmente na França, quando as leituras históricas foram adquirindo a devida importância, como afirma Chaunu: [...] na medida em que considera que a história era leitura garantida entre os franceses, que muito apreciaram, desde o início da Época Moderna, os livros da história lendária, os romances de reis e as grandes crônicas racionais. (apud LOPES, 2001, p. 30).

A sociedade europeia de uma forma em geral, destacando a sociedade francesa voltava seus olhos mais especificamente a questões relacionadas com a história mitológica, algo que os historiadores do século XVIII, começavam a questionar e contrapor. Porém é inegável que se a sociedade valorizasse a história, à mesma se difundiria e aos poucos o papel do historiador iria adquirir cada vez mais importância na sociedade francesa. Devido a esta

inserção lenta e gradual, a consolidação da história embasada nas fontes, difundida pelos historiadores, uma história que visava à veracidade dos fatos, demorou algum tempo para adentrar na sociedade europeia do século XVIII.

Acerca do contexto histórico em que se encontrava Voltaire, Lopes afirma: “No tempo de Voltaire, a história é um universo expandido, principalmente se comparada às possibilidades da história do século XVI e de boa parte daquela produzida no século XVII. [...]” (2001, p. 24).

O pensamento acerca de Voltaire é contraditório, ou seja, suas ideias históricas possuem para alguns estudiosos um caráter revolucionário, podemos destacar dentre estes estudiosos Le Goff que o reivindica como um dos patronos da história nova. Para outros estudiosos como Lopes, suas ideias históricas não possuem um caráter tão revolucionário assim como aparenta ter. Desta forma existe uma dualidade quando o assunto nos leva ao pensamento histórico de Voltaire. Deparamos com um pensador moderno inovador na questão que é destinada aos acontecimentos históricos, ligado à história de homens comuns, a transformações ocorridas em seu contexto no século XVIII, um historiador analítico a questões que remete à história documentada, uma busca incansável à verdade propriamente dita. Porém a outra visão que se têm o caracteriza como tradicional ligado à história de grandes homens, neste caso assemelhando-se a história política, uma história relacionada a grandes batalhas, grandes reis, desta forma Voltaire seria um historiador conservador. Seu trabalho tanto filosófico quanto histórico é repleto de elogio e crítica ao mesmo tempo.

No pensamento de Lopes existiu um Voltaire atrelado a dois mundos, ou seja, um intelectual iluminista com um pensamento inovador com relação a termos históricos, e um com característica absolutista relacionado ao seu contexto de vida quando o foco principal de estudo dos historiadores da época assemelha-se a temas tradicionais como história de reis, grandes batalhas, grandes heróis e ele não teria se distanciado deste pensamento. Lopes vai além ao elencar alguns temas retratados por Voltaire para caracterizá-lo como tradicional como: *La Enriade*, *História de Carlos XII*, *Século de Luís XIV*. Obras estas que retratam a vida de reis da França.

Com relação ao pensamento histórico de Voltaire, temos que ter em mente que estamos falando de século XVIII, ou seja, um contexto em que praticamente todas as ações de um país no caso específico de Voltaire, a França, eram regulamentadas por ordens de um monarca com caráter absolutista. Sendo assim, era natural que os historiadores da época

trabalhassem com temáticas relacionadas à política, porém a questão defendida por Lopes não seria desmerecer a figura de Voltaire inovador no campo histórico, mas sim nuançar de que ele também foi conservador por estar atrelado ao seu contexto histórico. Sobre esta questão de Voltaire estar preso ao seu contexto, Lopes afirma: “Se, ao tentar empreender a escrita das realizações do espírito do homem, acaba descambiando pela história militar e diplomática, está sendo dominado pelo espírito do tempo do qual tenta escapar [...]” (2001, p. 66).

Jacques Le Goff como já foi mencionado reivindica Voltaire como um dos grandes patronos da nova história, mas seria Voltaire totalmente inovador? Esta é uma questão que retoma a discussão sobre a dualidade acerca do pensamento histórico a respeito do príncipe das luzes. Georges Lefebvre escreveu que “[...] “Voltaire é o primeiro mestre da história racionalista e, em nossa opinião, o fundador da história verdadeiramente moderna” [...]” (apud LOPES, 2001, p. 46). A respeito do trabalho histórico de Voltaire, Lopes afirma: “[...] Voltaire traçou um programa ambicioso, mas não foi capaz de segui-lo; [...]” (2001, p. 40). No pensamento de Lopes, por mais que o patriarca de Ferney tenha tentando trabalhar com temáticas tidas como “diferentes” com relação aos historiadores pertencentes há séculos anteriores, o mesmo ficou atrelado à história política, a grandes histórias, algo que até então era comum entre os historiadores antecessores ao século XVIII.

Sobre esta questão de ora trabalhar com Voltaire conservador, ora inovador acerca da abordagem histórica, Lopes afirma: “Não há dúvida, ele quis estender sua história aos homens comuns, aos temas até então sequer vislumbrados, como a história da cultura dos povos, não se dirigindo unicamente aos reis. [...]” (2001, p. 47).

Com relação ao seu próprio trabalho histórico, Voltaire era demasiadamente crítico, apesar de utilizar documentos inéditos, de trabalhar com temáticas até então não trabalhadas por outros historiadores da época. O trabalho histórico do príncipe das luzes em sua grande maioria era guiado por trabalhos de historiadores anteriores a ele, sendo assim esperava muito dos seus trabalhos, cobrava desenvolvimento com relação a historiadores antecessores; na sua concepção as possibilidades de trabalho no campo histórico no século XVIII principalmente com relação ao alargamento da pesquisa histórica, haviam melhorado significativamente com relação há séculos anteriores. Desta forma, o trabalho dos historiadores contemporâneos ao século XVIII deveria superar o trabalho de historiadores do século XVI, século XVII. Sobre esta questão de desenvolvimento nos trabalhos históricos, Voltaire afirma: [...] Exigem-se dos historiadores modernos mais detalhes, fatos mais

constatados, datas precisas, autoridades, mais atenção aos costumes, às leis, aos usos, ao comércio, às finanças, à agricultura, à população [...]. (VOLTAIRE, 1764, p. 214).

A cobrança de Voltaire com relação as suas obras históricas contribuiu para o desenvolvimento das mesmas, porém dentro da História um século é muito pouco tempo para uma mudança de caráter tão radical dentro do campo historiográfico. Apesar de cobrar do seu trabalho melhoras significativas em relação a trabalhos anteriores, o mesmo se deparou com problemas até então comuns em séculos antecessores, ou seja, se os historiadores anteriores ao século XVIII encontraram dificuldade com relação à documentação, a fontes organizadas, Voltaire também se deparou com os mesmos problemas. Com relação a esta temática, Lopes afirma:

Quando o Príncipe das Luzes se mune de um arsenal de boas intenções, no sentido de ímpeto de realização, na pesquisa histórica de um leque amplo de novas propostas, faltam-lhe dados suficientes: documentação organizada e tradição crítica anterior. Ele vê apenas algumas árvores esparsas, não vê nenhuma floresta. (2001, p. 66).

A concepção de Voltaire acerca da História torna-o como um dos principais representante desta forma inovadora de abordagem histórica. Sendo assim o seu trabalho não foi nada fácil; sobre esta análise o leitor poderá se perguntar; mais porque o trabalho de Voltaire não foi nada fácil? Como já foi mencionado, o século XVIII revolucionou tudo que até então havia produzido sobre a história, sobre esta questão devolvemos a pergunta ao leitor; diante desta análise que propusemos a discutir até este exato momento, quem foi o precursor desta nova forma de abordagem histórica? Voltaire? Sim, o próprio, sobre esta questão de se preocupar com a crítica documental, algo até então inédito seu campo de pesquisa era enorme e seu trabalho foi árduo. Acerca desta concepção vejamos as palavras de Gusdorf:

Ora, quando se tratava de física newtoniana, Voltaire podia se contentar em vulgarizar Newton. Mas, em matéria de história tudo estava por fazer, e o filósofo devia, ele mesmo, colocar a mão na massa. Antes de refletir sobre a história era preciso escrever a história. (apud LOPES, 2001, p. 68).

Como foi mencionado no devido trabalho, Gusdorf afirma que em relação à História no século XVIII tudo estava por fazer; já dissemos também que o trabalho da crítica documental ficou a cargo de Voltaire. Um traço bastante característico em suas obras históricas são suas passadas largas, ou seja, direcionando suas obras históricas sempre em

séculos, Voltaire nos leva a entender de que seu objetivo era abarcar todo o conhecimento histórico possível, e a melhor maneira de conseguir este êxito seria uma história secular, em vez de uma história cronológica factual constituída de década em década. A respeito desta questão Lopes (2001) afirma: “[...] a história de Voltaire não é servida em fatias cronológicas menores, mas em grandes porções. [...]” (2001, p. 99).

Relação História e Filosofia

113

Voltaire atuou tanto na área da filosofia como na área histórica, assim como boa parte dos estudiosos do século XVIII, quando este século produziu uma gama elevada de historiadores, fato propiciado pelo alargamento da pesquisa histórica, o método científico de análise documental foi mais rigoroso entre os historiadores do século XVIII. Visão esta que encontra argumentos contraditórios no pensamento de Collingwood que afirma que: “[...] Voltaire e Hume fizeram muito pouco, no sentido de aperfeiçoar os métodos da investigação histórica. [...]” (1994, p. 109). Na visão deste estudioso faltou investigação para Voltaire, neste caso específico o autor questiona o tratamento que o filósofo das luzes destina as histórias de séculos anteriores, interpretando as mesmas por conceitos definidos, não fazendo um estudo sistematizado do seu objeto de trabalho. Aliás, se Voltaire não realizou este estudo é porque na visão de Collingwood não era interessante ao meso o fazer, já que o que interessava a ele era uma história semelhante ao seu contexto de vida, uma história moderna, com caráter de cientificidade. Porém, na interpretação de Collingwood os historiadores iluministas ficaram atrelados a uma história propagandista, com caráter apocalíptico, mais ligado à publicidade do que análise científica, neste caso específico na visão do autor, seria uma falência do método histórico dentro do Iluminismo.

Sobre a questão do método científico nos trabalhos históricos, Voltaire buscava trabalhar com a veracidade dos fatos históricos, ou seja, almejava uma busca aguçada pela verdade histórica propriamente dita, os mitos são deixados de lado nos trabalhos históricos do príncipe das luzes. Estes referidos trabalhos são alvo de crítica não só de Voltaire, mas também de seus contemporâneos. Com relação a está questão ele afirma: “A História é a narração de fatos considerados verdadeiros, ao contrário da fábula, narração de fatos considerados falsos.” (Voltaire, p.209). Esta busca aguçada à veracidade dentro da história lhe

rendeu algumas críticas, segundo René Pomeau: “[...] “leva-o a se enganar, porque a verdade nem sempre é verossímil” [...]”. (apud LOPES, 2001, p. 74).

Esta história mitológica é analisada por Voltaire através do sarcasmo, é vista pelo mesmo como história obscura, pouco ou nada confiável, uma história de fatos sobrenaturais, que seria maravilhosa perante olhos do leitor, porém que não transmitiria ao leitor a veracidade real dos fatos históricos.

Dentre estas histórias fabulistas destacadas por Voltaire encontra-se os textos bíblicos, ele faz uma análise sistematizada e crítica da *Bíblia*, na sua concepção são meros livros escritos por homens comuns, para ele se a *Bíblia* não possuísse um caráter sagrado todos a leriam e jogariam fora por ser um livro que não retrata a verdade dos fatos.

Por ser um profundo conhecedor dos textos bíblicos utiliza-se de alguns trechos para demonstrar a sua tese de livro que não trabalha com a verossimilhança.

Na verdade, nas mãos de Voltaire, a Bíblia fica parecendo uma antologia de anedotas. Por exemplo, no texto bíblico, lê-se que o Sol não é fonte de luz, pois a luz foi criada antes do Sol; que a mulher foi formada de uma costela do homem enquanto ele dormia: Deus teria arrancado a costela do homem sem que ele acordasse, e sem que seus futuros descendentes ficassem com uma costela a menos. Na Bíblia, os animais falam, e a eloquência de uma serpente põe a perder todo o gênero humano. [...] (NASCIMENTO, 1993, p. 22).

Com relação ao distanciamento dos intelectuais europeus do Século XVIII em relação a temas religiosos nos trabalhos históricos, isto se deu de uma forma lenta e gradual, ou seja, a partir de meados do Século XVIII, que estas novas linhas de raciocínio esta ruptura iria de fato começar a abalar as estruturas do Antigo Regime.

Os historiadores do século XVIII começaram um processo revolucionário, ou seja, uma leitura da história não simplesmente como meros leitores, mas sim como filósofos, a relação entre história e filosofia se constitui como marca característica dos historiadores deste período. Voltaire cria a expressão filosofia da história, mas de fato o que vem a ser filosofia da história? Neste aspecto seriam leituras mais aguçadas e críticas com relação a textos históricos, que possibilitariam aos estudiosos utilizarem-se de uma procura de fontes para retratar as tidas verdades históricas. Diante desta afirmação vejamos a definição de Collingwood por filosofia da história:

[...] A expressão <<filosofia da história>> foi inventada, no século XVIII, por Voltaire, que entendia por tal nada mais do que a história crítica ou científica, um tipo de pensamento histórico em que o historiador resolvia por si próprio, em vez de repetir quaisquer histórias encontradas em alfarrábios. [...] (1994, p. 11).

Como filósofos, estes historiadores dentre eles Voltaire, começavam a se questionar a se perguntarem o porquê dos fatos históricos, a desconfiança, as curiosidades começam a fazer parte do contexto dos trabalhos destes estudiosos. Devido a esta nova linha de abordagem, as fontes passaram a adquirir um papel cada vez mais importante dentro da história do século XVIII, ou seja, um papel de embasar cientificamente o trabalho dos historiadores. Voltaire é considerado um dos pioneiros desta nova forma de abordagem histórica por ser um dos primeiros historiadores a utilizar-se de confronto entre as fontes históricas. A divergência de fontes possibilitava ao príncipe das luzes aproximar-se bastante do seu almejado resultado final que era uma busca aguçada pela verdade dentro dos fatos históricos.

Voltaire foi um dos grandes responsáveis por esta nova forma de trabalhar com os atributos históricos, criando a já citada expressão filosofia da história, na qual eram utilizados artifícios filosóficos dentro de conceitos históricos, realizando trabalho que merece destaque na questão da abordagem histórica como o uso de provas documentais. Voltaire vislumbrava a possibilidade de o leitor ler a história e começar a se questionar, a se perguntar; será que tal fato aconteceu em tal época? Como era a economia do país naquele momento? A Cultura? A tolerância religiosa? Ele não aceitava o fato de o leitor assimilar sem questionamento sem recorrer à dúvida o que estava lendo. Voltaire vislumbrava a possibilidade de ler a história e problematizá-la, desta forma o leitor não ficaria repetindo fatos miraculosos, mas sim interpretando os acontecimentos, tirando assim suas próprias considerações.

Combater injustiças, busca pela verdade dos fatos, luta contra as lendas as fábulas, realmente a história do século XVIII, estava sendo abordada de uma forma diferenciada com relação à de séculos anteriores, a nova forma de abordagem dos historiadores de fato marcou este século, a de ler a história como filósofos, propiciando ao século XVIII o reconhecimento como século das luzes, período este que os questionamentos as dúvidas são aspectos recorrentes no trabalho dos intelectuais. Quando uma tida verdade histórica só era aceita pelos mesmos depois de uma laboriosa análise crítica e documental.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Rodrigo. *A ordem do mundo e o homem: Estudos sobre metafísica e moral em Voltaire*. Dissertação (Especialização em Filosofia) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia, São Paulo, 2008.

_____. *Voltaire Filosófico – Metafísica e Filosofia Inglesa na formação filosófica de Voltaire*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Filosofia, São Paulo, 2004.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1997.

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de História*. 8ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *O Iluminismo e os reis filósofos*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GRAY, John. *Voltaire e o Iluminismo*. Trad. Gilson. C. Cardozo de Souza. São Paulo: UNESP, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Etal. Memória- História*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.

LOPES, Marcos Antônio. *Voltaire historiador: Uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

MARÇAL, Jairo (org). *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED – PR. pp. 692-716. 2009.

NASCIMENTO, Maria Graças Silva do. *Voltaire a razão militante*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.

RODRIGUES, Maisa. *A temível pena de Voltaire: Conhecimento prático Filosofia*. São Paulo, v. 30, p.24-33, 2011.

ROUANET, Sergio Paulo. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VOLTAIRE. *A Princesa de Babilônia*. Texto integral. Trad. Antônio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala 2005. Grandes Obras do Pensamento.

_____. *Cândido ou Otimismo*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *Contos*. Trad. Roberto Domênico Proença. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

_____. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Universal, 32.

_____. *Tratado sobre a tolerância: por ocasião da Morte de Jean Calas* (1763). Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.